

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Commercio*

Class.: 184

Data: *9 de Outubro de 1983*

Pg.: \_\_\_\_\_

1910

## Um namoro na selva

ODIL TELLES

**B**ELÉM — Morrer se preciso for, matar nunca. Esta filosofia, implantada pelo Marechal Cândido Mariano Rondon, no início deste século, é a cartilha de quinze sertanistas que vivem isolados na selva amazônica. São homens idealistas, verdadeiros heróis brasileiros, nunca reconhecidos pela sociedade. Todos eles têm uma história para contar. Cada uma é mais emocionante que a outra. Passam fome, sede e muitas vezes morrem flechados ou doentes no meio do mato. Os que sobrevivem contam com orgulho a vida do companheiro que deu a vida pelo índio. O sertanista, um profissional indefinido perante as leis trabalhistas, é quase sempre portador de uma dezena de doenças. Orlando Villas Boas bate todos os recordes: teve 215 malárias.

O sertanista é tão idealista que seus filhos, em sua maioria, nascem dentro das reservas indígenas para dar continuidade ao trabalho do pai. É o caso de Apoena Meireles, responsável pela atração dos índios da região de Rondônia. Ele nasceu entre os xavantes, no Mato Grosso. O pai, Francisco Meireles, batizou o filho com o nome Apoena em

homenagem ao grande Cacique da região.

Para atrair uma tribo é preciso muita cautela, dedicação, perseverança e paciência. O índio é muito perigoso quando se sente acuado pelos brancos. É o caso dos Araras, no Pará, que se tornaram violentos desde a abertura da Estrada Transamazônica. Para eles os brancos estavam destruindo o que de mais sagrado existia: as árvores e os pássaros. Graças a um trabalho paciente do sertanista Sydnei Possuelo, os índios foram chegando e hoje nos dão aula de amabilidade, amor e sinceridade. Foi com orgulho que este repórter viu os primeiros índios chegarem ao posto. A emoção é indescritível. Não se pode controlar as lágrimas ao ver os índios, dóceis e meigos se dirigirem a gente para apalpar o nosso rosto. Passar as mãos nos cabelos e nas barbas. Tive a honra de conviver doze horas com eles. E sempre me lembrarei com orgulho dos momentos felizes e puros que passei.

### A ATRAÇÃO

Uma atração leva anos para se consolidar. Pode-se chamar de um namoro em plena selva. Tu-

do começa com a certeza do sertanista de que, em determinada região, existem índios. De cinco a dez quilômetros de distância é construída uma clareira para instalação de alguns barracos e uma espécie de guarita, numa altura de três metros. Nessa guarita são instalados possantes refletores, acesos apenas em casos de ataques. A luz elétrica é novidade e temida pelos índios. Quando os refletores não resolvem, o sertanista ordena tiros de festim, como efeito moral. O esquema do festim, no entanto, só é acionado em casos de extrema necessidade, como num ataque em massa.

Após a construção do posto, o sertanista faz um "Taipiri", a duzentos metros do local. O "Taipiri" é uma espécie de muro de madeira com meio metro de altura e três de comprimento. Ali são deixados presentes para os índios: facas, panelas, colheres, missangas e outros objetos. Os índios ficam revoltados. Quebram tudo. No dia seguinte o sertanista vai lá, retira o que foi quebrado e deixa mais presentes. Os índios voltam a quebrar. Dessa vez com mais violência. Esse ritual é feito durante vários anos. Os índios ficam irritados com

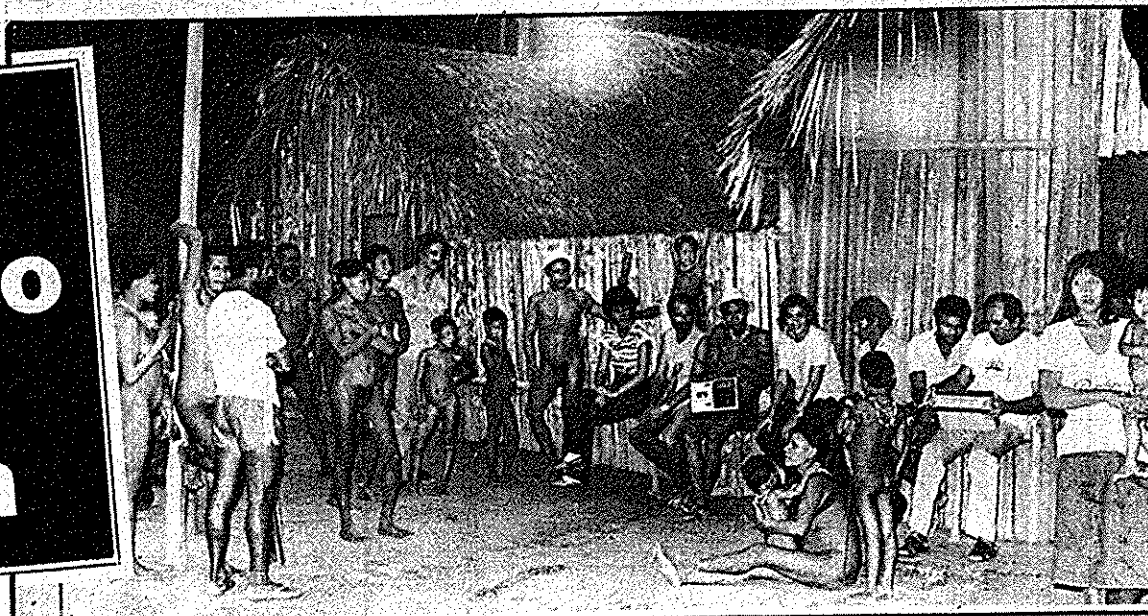
tanta insistência e resolvem atacar o posto. Atiram flechas no posto e na maioria das vezes matam algum funcionário ou o próprio sertanista. O ataque dos índios é uma fórmula de testar se as pessoas que estão no posto são amigas ou inimigas. Se o pessoal do posto se defender com armas de fogo, também para matar, significa que são inimigos.

Tudo isso visa estudar o potencial de defesa dos brancos. Quando os índios atacam, o pessoal do posto não pode revidar. Se o fizer estará perdido o trabalho e novo namoro fica difícil. O índio só sente que o pessoal é amigo quando o branco é morto ou sai ferido, sem nenhum revide. Aí, sim, pode-se dizer com certeza que o contato está prestes a ser consolidado.

À noitinha, os índios se reúnem para ouvir rádio e a conversa fiada dos brancos

Passado o ataque, quando os brancos adotam o procedimento pacífico, os índios mudam de tática. Vão ao "Taipiri", aceitam os presentes e em troca deixam macacos e outros animais. Esse ritual é repetido umas quatro vezes, até que o índio mais velho da tribo aconselha os mais novos a se chegarem ao posto. Eles observam e contam o que viram. O cacique decide ser amistoso e envia crianças e algumas mulheres. Quando o sertanista vê as mulheres ou crianças, tem a certeza de que a atração está coroada de êxito. Foi isso o que aconteceu nos Araras, à margem da Transamazônica, a 48 quilômetros de Altamira.

O que vimos não é possível esquecer jamais. O contato com nossos irmãos primitivos, sem conhecer uma só palavra do civilizado, é alguma coisa de fantástico. Eles são dóceis, amigos, honestos e puros. A gente começa a compará-los com as pessoas embrutecidas, marcadas pela vida na cidade grande, onde a corrida é desenfreada em busca do dinheiro e na qual invariavelmente se esmaga os corredores de menos fôlego.



Um grupo jogando baralho, inclusive o repórter, ao fundo, junto ao índio sentado na mesa